

Estruturação e verbalização no conhecimento social (*)

M. DULCE B. BERGAMIN (**)

Cento e quarenta crianças de 6 a 12 anos, de ambos os sexos, foram solicitadas a cumprir duas tarefas, baseadas no método de colocação de bonecos. Na primeira deviam dispor um conjunto de 15 bonecos sobre uma folha de papel, e, na segunda, deviam tomar dois bonecos quaisquer supondo que mantivessem certo tipo de relação social e inventando o diálogo que pudessem estar travando. A análise dos resultados revela um processo psicogenético de estruturação do conhecimento social, e uma crescente antecipação das implicações do comportamento, acompanhada do aumento da complexidade do pensamento.

INTRODUÇÃO

Os trabalhos de Solomon E. Asch, inicialmente publicados há mais de três décadas (1952), constituem ainda uma rica fonte de inspiração para a psicologia social. O seu grande mérito foi, sem dúvida, ter contri-

buído para demonstrar, através de dados empíricos originais, a influência decisiva que os factores cognitivos exercem na determinação do comportamento social. É o que se verifica, por exemplo, no trabalho sobre a «compreensão de afirmações», em que o autor demonstra que o sentido assumido por um objecto social varia grandemente em função do contexto em que se encontra inserido. Tendo demonstrado que o conteúdo cognitivo de uma afirmação se altera em consequência da mudança de autoria, Asch conclui, após numerosas observações, que «uma acção adquire sentido e significação através de sua relação com as condições de tempo, lugar e circunstância» (1960, p. 193).

Mais recentemente, Rodrigues (1972) assume ponto de vista semelhante, ao acentuar a importância do que chama «factores situacionais» na determinação do comportamento social.

Verifica-se, de modo cada vez mais claro, que o comportamento socialmente relevante é sempre produzido numa situação penetrada de compreensão, e esta, por sua vez, depende não só da clareza com que a situação se apresenta ao indivíduo, mas também, como nota Asch (*op. cit.*, 184), do nível de conhecimento e da qualidade do pensamento

(*) Trabalho baseado em tese de Livre Docência defendida na ESALQ/USP em 1983.

(**) Professor da Escola Superior de Agricultura «Luiz de Queiroz», Piracicaba, SP.

desse indivíduo. Por outras palavras, o comportamento social é fruto de uma interacção de factores individuais e situacionais, o que supõe um processo de troca entre o indivíduo e o meio social em que está inserido.

Como já se destacou noutro contexto (cf. Bergamin, 1982), apesar de Asch não ter afirmado explicitamente a existência de um processo dinâmico (e dialéctico) de troca na relação indivíduo-sociedade, a descrição que faz desta relação leva a supor uma interpretação desse tipo. Porém, Asch, gestaltista convicto, enfatizou sempre as estruturas internas de conhecimento como factores determinantes do comportamento, tendo-se devotado principalmente ao estudo dessas estruturas, privilegiando nos seus trabalhos a percepção como processo de conhecimento.

Esta é, certamente, a principal limitação de tais trabalhos, assim como do modelo proposto por Rodrigues, que destaca a importância do acto de percepção da acção humana (ou percepção social) na determinação do comportamento, incluindo aí processos complexos de conhecimento, avaliação e julgamento como determinantes do percepto. Com razão afirma este autor que tal acto seria melhor designado de «cognição social». A este respeito é interessante e esclarecedora a comparação feita por Piaget entre os processos perceptivos e os cognitivos.

O recurso a processos e mecanismos psicológicos relativamente simples como a percepção, para explicar fenómenos tão complexos como os de natureza psicossocial, revela-se pouco satisfatório, exigindo novas modalidades de explicação, mais abrangentes e que levem em conta dimensões correlatas desses fenómenos. Entre estas, são relevantes o conjunto de crenças a que eles se ligam, bem como certas práticas institucionalizadas. Exemplo de trabalho que demonstra bem este facto encontra-se em Dela Coleta (1984). Investigando amplamente o processo de atribuição de causalidade e suas

manifestações no meio social brasileiro, este autor chega à conclusão de que aquele é um processo que interage com vários factores internos e externos, presentes no indivíduo e no sistema de crenças que a cultura oferece e que ele incorporou ao longo da vida, na convivência social. E o autor rejeita a hipótese da reatância psicológica como mecanismo capaz de responder pela complexidade dos dados observados.

Tendo em vista os objectivos do presente trabalho, não convém prolongar tal análise, mas apenas afirmar, como ponto de partida, que a interacção social é essencialmente dinâmica e compreensiva. Parte-se do pressuposto de que a realidade social é uma realidade significativa, que se constrói através da interacção social e assume um carácter objectivo graças à exteriorização da experiência subjectiva, que passa a ser compartilhada.

Tais ideias, baseadas na obra de Peter Berger e Thomas Luckmann (1978), levam à consideração do mundo social como um universo simbólico, no qual se desenvolvem as acções sociais. Isso significa que estas acções, sob o ponto de vista psicológico, ocorrem ao nível da actividade representativa, resultando de um processo de reconstrução da experiência. Um exemplo pode esclarecer tal proposição. Reconhecer e classificar o cão como um animal, isto é, um indivíduo pertencente a essa espécie e não a outra, requer certas operações intelectuais como o conhecimento das diversas espécies, a classificação do cão numa e não na outra, a ordenação de classes distintas nessa espécie, o que permite situar o cão numa delas, etc. Tais operações e muitas outras, que possibilitam o conhecimento do mundo físico, foram bem estudadas por Jean Piaget.

Entretanto, afirmar e aceitar a proposição de que «o cão é o melhor amigo do homem» é um processo de conhecimento que, embora envolva também a noção de «cão», opera com ela a outro nível; requer a utilização de outras noções e significados

socialmente definidos, como, por exemplo, a noção de amizade, com todas as suas implicações: o que significa «ser amigo», por que o cão, mais que outros animais, pode ser considerado amigo do homem, etc. É claro que este processo é, por sua vez, directamente influenciado pela experiência pessoal do indivíduo com esse animal e, simultaneamente, pelo sistema de crenças dominante no meio social, favorável ou não a essa convicção específica.

Para a psicologia social, o reconhecimento de tais factos tem consequências teóricas e metodológicas importantes. Teoricamente verifica-se a inviabilidade de se aceitar modelos simplificadores dos fenómenos em estudo, incapazes de explicá-los na sua complexidade. Todo o reducionismo é, portanto, inaceitável.

Metodologicamente, torna-se necessário buscar métodos e procedimentos que possibilitem a apreensão ampla dos fenómenos na sua totalidade, sem os fragmentar. Assim, embora possa ser usada em certas fases da pesquisa, a experimentação deixa de ser encarada como método necessário ou modelo ideal de procedimento científico.

O método clínico, de observação sistemática do comportamento individual, já teve a sua validade plenamente demonstrada através da obra de Jean Piaget. No presente trabalho foi retomado e novamente se revelou útil, como se verá a seguir.

PROCEDIMENTO

O procedimento empregado na pesquisa que aqui se relata baseou-se na técnica de colocação de bonecos. Convém lembrar que, de 1962 a 1968, Kuethe e colaboradores realizaram uma série de trabalhos em que utilizaram silhuetas humanas e outras figuras, que eram colocadas sobre feltro, medindo-se a seguir a distância percebida entre figuras de diferentes tipos. Foram levados a concluir que existem «esquemas sociais»,

graças aos quais as figuras humanas são percebidas como estando mais próximas entre si do que figuras geométricas ou de animais (Kuethe, 1962, 1964; Little, 1968).

Mais tarde, Edwards (1973) utilizou bonecos de *papier maché*, adaptando o procedimento, para testar hipóteses derivadas da proxemia de E. T. Hall. A adaptação do procedimento permitiu a Edwards comparar as reacções de sujeitos pertencentes a diferentes grupos culturais africanos, diante de certas tarefas cognitivas.

No presente trabalho, a colocação de bonecos foi proposta a sujeitos infantis de ambos os sexos. Crianças de 6 a 12 anos, 20 em cada faixa etária, foram solicitadas a cumprir duas tarefas, utilizando um conjunto de 15 bonecos. Na primeira deviam apenas «arrumar» o conjunto todo sobre uma folha de papel em branco, de 66 cm por 47,5 cm. Os bonecos paravam em pé, pois haviam sido individualmente colocados sobre uma base de papelão de 3 cm de diâmetro. As únicas excepções eram dois bebezinhos, que não ficavam em pé. Após o arranjo livre do conjunto sobre o papel, os sujeitos deviam explicar quem eram os bonecos e o que estavam fazendo. Por este meio pretendia-se verificar como é que a criança estrutura a sua experiência social.

A segunda tarefa consistia em escolher pares de bonecos, supondo que representassem diferentes papéis sociais, colocá-los sobre o papel «como se estivessem conversando», e inventar os diálogos correspondentes. Foram propostas aos sujeitos as seguintes situações de relação social informal: papá-mamã, irmãos, amigos, irmãs, amigas, marido-mulher e desconhecidos (conversando pela primeira vez). A ordem em que estas situações foram propostas variou aleatoriamente entre os sujeitos. É interessante notar que a inversão da ordem em que as duas tarefas foram propostas, tentada nalguns casos (obviamente eliminados da amostra), alterou profundamente o arranjo espontâneo do conjunto de bonecos,

que passou a ser feito nos moldes da tarefa anteriormente cumprida. Por essa razão manteve-se a ordem descrita, no procedimento empregado com as 140 crianças componentes da amostra, que forneceu resultados interessantes, como se verá a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho de pesquisa foi inicialmente planejado com o objectivo de se verificar a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento de esquemas sociais, como aqueles observados por Kuethe e outros autores, nos trabalhos já mencionados. Por essa razão mediu-se a distância que separava os bonecos escolhidos e colocados pelos sujeitos como se estivessem conversando, na segunda tarefa proposta. Os dados assim obtidos foram analisados pelo teste de Friedman (cf. Campos, 1979).

Uma pesquisa piloto realizada com 21 sujeitos de 4 a 11 anos de idade, utilizando o mesmo procedimento, havia revelado uma diferença significativa ($p < 0,025$) entre as distâncias encontradas para «irmãos» e «desconhecidos». Essa diferença ocorreu na direcção esperada, isto é, foi maior entre desconhecidos que entre irmãos. Em vista destes dados, esperava-se que, comparando os resultados obtidos para cada faixa etária, seriam obtidas diferenças ainda maiores entre as diversas situações. Porém esta expectativa não foi confirmada. Apenas duas situações se revelaram significativamente diferentes, pelo teste de Friedman, em duas faixas de idade: aos 8 anos houve uma diferença significativa ($p < 0,01$) entre «irmãs» e «desconhecidos»; e aos 10 anos entre «irmãos» e «desconhecidos». Também aos 10 anos, entre «papá-mamã» e «desconhecidos», foi obtida uma fraca evidência de diferença ($p < 0,10$). Em todos estes casos, a distância entre os bonecos foi maior para «desconhecidos» do que para as

outras relações sociais supostas, como era de se esperar.

Dada a semelhança entre as relações sociais propostas aos sujeitos nesta segunda tarefa, procedeu-se a uma outra colecta de dados⁽¹⁾. Desta vez foram propostas a uma nova amostra de crianças de 6 a 12 anos, 10 em cada faixa etária, situações que envolviam relações formais entre os bonecos, como «médico-enfermeira», «professor-aluno» e «patrão-empregado». Não houve nesta fase a invenção de diálogos. Estes dados forneceram resultados semelhantes, porém com uma surpresa. De modo geral não se obteve diferença entre as distâncias encontradas nas várias situações sociais, embora se tratasse de relações próximas e relações formais, além de «desconhecidos». Somente aos 10 anos foi obtida uma diferença significativa ($p < 0,01$) entre «desconhecidos» e «médico-enfermeira». Mas o que constituiu surpresa foi a verificação de que a distância que separava os bonecos «desconhecidos» foi, neste caso, menor do que aquela empregada na outra situação. Este facto pode ser parcialmente explicado pelos diálogos que os sujeitos inventaram com relação às situações sociais próximas, e que serão comentados mais tarde.

Portanto, os dados relativos às distâncias entre os bonecos não se revelaram muito interessantes quando estatisticamente analisados. Entretanto, a análise qualitativa do conjunto dos dados obtidos nas duas tarefas forneceu resultados surpreendentes, como se verá a seguir.

A noção de relação social

A observação da reacção inicial dos sujeitos diante do material e da primeira tarefa proposta revela já uma diferença em

(¹) Todos os dados foram obtidos durante o ano de 1980, em escolas de primeiro grau de Piracicaba, SP, Brasil.

função do seu grau de desenvolvimento. Ao serem solicitadas a arrumar o conjunto de bonecos sobre o papel, «como achasse melhor», as crianças menores pegavam indiferentemente nos bonecos, distribuindo-os ao acaso, ao passo que as mais desenvolvidas pareciam reflectir sobre o conjunto, analisando-o com cuidado antes de iniciar a tarefa. Algumas destas retiraram todos os bonecos da caixa em que se encontravam, colocando-os em pé para observá-los atentamente e só então começaram a arrumá-los sobre o papel. É, sem dúvida, uma actividade de antecipação que inexistente entre as crianças menores.

A análise do agrupamento dos bonecos revela que vários padrões são adoptados pelos sujeitos, reflectindo a fase de desenvolvimento cognitivo em que se encontram. Numa fase inicial, esse agrupamento faz-se de modo aleatório, às vezes sem obedecer a nenhum princípio de organização. Tomados casualmente, os bonecos são distribuídos por toda a folha de papel, em posições variadas. Antes denominado «ausência de organização» (Bergamin, 1982), este padrão predomina entre os sujeitos mais novos, tendo sido apresentado por 16% dos sujeitos de 6 anos e por um sujeito (4%) em cada uma das outras faixas etárias, até 11 anos. Interrogados sobre o que os bonecos estavam fazendo, os sujeitos desta fase em geral não deram explicações. A resposta mais comum foi «não sei». Melhor designação para este padrão seria «organização incipiente», já que o arranjo dos bonecos não é inteiramente aleatório, mas faz-se com alguma ordem, voltada sobretudo para a formação de uma configuração total que agrade à criança.

Após essa primeira fase, observa-se o aparecimento de um princípio mais forte de organização quando os bonecos são dispostos em fila, sendo que todos são colocados de frente para o sujeito e nenhuma explicação é dada. Este padrão, aqui denominado «fila», pode aparecer em sujeitos de todas

as idades, mas predomina entre 6 e 8 anos, tornando-se depois menos frequente e dando lugar a padrões mais complexos, em que surgem novas formas de observação. Observa-se uma tendência para a concentração dos bonecos no espaço, assim como uma maior flexibilidade na posição destes, que não ficam necessariamente voltados para o sujeito. Superado o padrão de «fila», de início os bonecos são colocados em posição semelhante, uns atrás dos outros, formando um conjunto que, em sociologia, corresponde ao «agregado» (cfr. Fichter, 1967, p. 113). A concentração no espaço é bem acentuada, com todos os bonecos colocados numa das metades da folha de papel, à direita ou à esquerda, sugerindo que a proximidade física foi descoberta pelo sujeito como factor relevante na formação do grupo social. Embora possa haver dificuldade para explicar este padrão, a resposta típica à pergunta sobre o que estão fazendo é: «estão vendo alguma coisa». A maior frequência do «agregado» foi encontrada entre sujeitos de 9 anos (44%)⁽²⁾.

O quarto padrão de agrupamento encontrado foi denominado «pequenos grupos», e caracteriza-se pela formação de grupos de dois ou mais bonecos, que na maior parte dos casos são colocados em interacção face a face, isto é, voltados um para o outro. As explicações sobre quem são os bonecos e o que estão fazendo são muito variadas e facilmente oferecidas pelos sujeitos. Em geral, os pequenos grupos são descritos como pessoas conversando: amigos, namorados, etc., sendo a explicação coerente com o tipo dos bonecos escolhidos. Embora encontrado em 2 sujeitos (8%) de 6 anos e em 3 (12%) de

(²) Em cada faixa etária foi computado o número de vezes que cada padrão ocorreu, tanto na sua forma pura como sob a forma de transição de um padrão para outro. Portanto, a percentagem foi calculada não sobre o número de sujeitos, mas sobre o número de vezes que cada padrão foi observado.

7 anos, este padrão é mais frequente entre os sujeitos mais desenvolvidos, tendo sido observado em 43 % dos sujeitos de 10 anos e em 67 % dos de 11 e 12 anos.

Tentando verificar a influência do factor sócio-económico sobre o desenvolvimento do tipo de comportamento estudado, realizou-se uma classificação da profissão do pai das crianças cujo desempenho foi classificado como «pequenos grupos». Não foi possível estabelecer relação entre esses dois tipos de factor. Nas diversas faixas etárias, as crianças que realizaram «pequenos grupos» eram provenientes de famílias pertencentes às mais variadas categorias profissionais, desde trabalhadores não qualificados até profissionais liberais. É interessante notar que os pais das duas crianças de 6 anos que apresentaram este padrão eram um polícia e o outro funcionário da Loteria Esportiva. Portanto, a precocidade com que a criança atinge esta fase não se relaciona directamente com o nível sócio-económico da família a que pertence. É mais provável que outros factores aí presentes, como o tipo de relação pessoal dos pais com a criança e desta com seus pares, bem como a variedade da sua experiência de participação em grupos, determinem o seu desenvolvimento cognitivo-social. Porém, esta análise foge ao objectivo do presente trabalho.

Ainda outro padrão de agrupamento dos bonecos foi apresentado pelos sujeitos, com menor frequência, em todas as faixas etárias. Trata-se do «círculo», que pelas suas características e pelo facto de aparecer em todas as idades, dificilmente seria indicativo do grau de desenvolvimento do sujeito. Houve um predomínio deste padrão entre os sujeitos de sexo feminino: no total da amostra foram observados 13 casos entre as meninas e apenas 7 entre os meninos, sugerindo que este padrão pode estar ligado às actividades de brinquedo frequentemente desempenhadas pelas crianças.

As Figuras 1 a 5 mostram a distribuição de frequência de todos os padrões, nas inversas faixas etárias.

Constata-se que a frequência dos padrões iniciais apresenta uma tendência para diminuir com o aumento da idade dos sujeitos, ao passo que com o padrão «pequenos grupos» ocorre o inverso. O «agregado», padrão de transição entre os dois, revela uma curva bem mais irregular, não se observando nenhuma tendência definida em relação à idade. O mesmo ocorre com o «círculo».

É fácil notar que a percentagem de sujeitos que realizam o padrão «pequenos grupos» aumenta gradualmente dos 6 aos 12 anos, ocorrendo o oposto com os padrões mais simples, que supõem menor estruturação da experiência social, como «ausência de organização» e «fila».

Finalmente, é preciso esclarecer que os padrões descritos correspondem a formas puras de desempenho, mas há numerosos casos intermediários, de transição entre eles. Assim, a passagem do padrão «fila» para o «agregado» não se faz directamente por uma mudança repentina, mas sim através de mudanças graduais em que surgem padrões irregulares. É o que se nota quando o sujeito constrói uma fila dupla mais curta, ao invés de uma só fila longa, ou quando, na transição do «agregado» para os «pequenos grupos», os bonecos são distribuídos dois a dois, mas não em interacção face a face, e permanecem concentrados numa só metade da folha de papel.

Os resultados apresentados, de inegável interesse para a psicologia social, têm valor também para a epistemologia genética. Desde logo se verifica que os mecanismos subjacentes ao desenvolvimento dos esquemas de comportamento social se assemelham aos descritos por Piaget em relação aos esquemas de comportamento inteligente. Nos dois casos dá-se a descoberta de uma dimensão relevante da situação, alternando-se com outras e construindo-se gradualmente uma es-

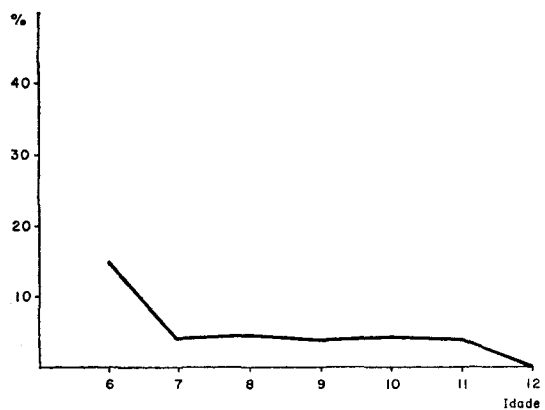


Fig. 1 — «Ausência de Organização» ou «Organização Incipiente».

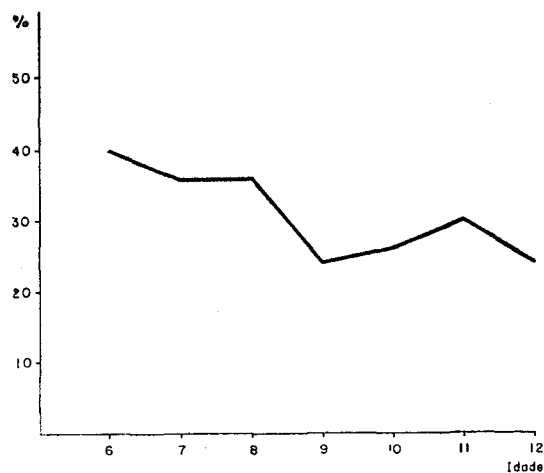


Fig. 2 — «Fila».

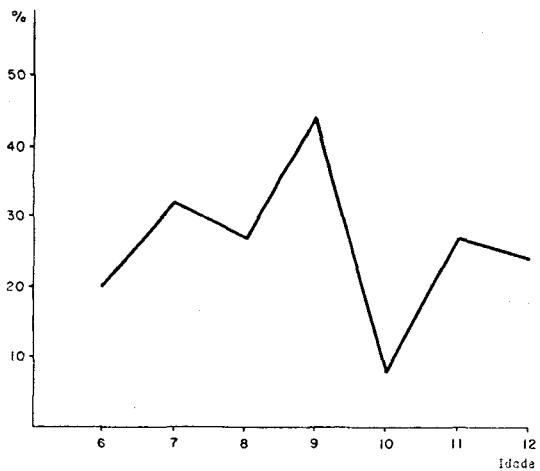


Fig. 3 — «Agregado».

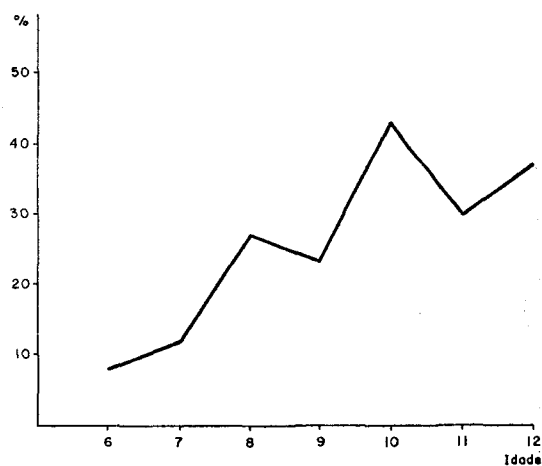


Fig. 4 — «Pequenos grupos».

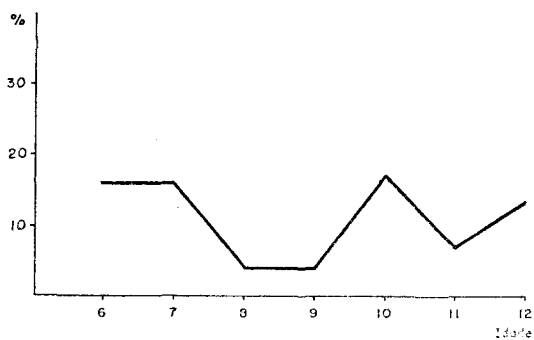


Fig. 5 — «Círculo».

estrutura operatória, que no caso actual se baseia na reciprocidade da relação.

Segundo Piaget (1970 b; 1973), as acções individuais e as «co-operações» que ocorrem ao nível do grupo social constituem dois aspectos indissociáveis de uma única realidade. Por essa razão não teria sentido falar em duas lógicas distintas, uma social e a outra individual. Nos dois casos, as mesmas estruturas gerais aplicam-se a toda a conduta humana, «sem hierarquia entre os seus aspectos colectivos e os seus aspectos individualizados».

É o que os dados actuais permitem constatar, nos vários níveis de análise que a teoria piagetiana oferece.

Explicando a passagem da acção irreversível à operação reversível, Piaget afirma que uma operação não aparece em estado isolado, não é apenas uma acção particular, que, em certo momento, é concebida como reversível. Ao contrário, o seu crescimento é gradual e faz-se por um processo de estruturação em que configurações inicialmente rígidas dão lugar a estruturas móveis que as absorvem e transformam. É o que se observa nos dados actuais, em que o padrão «fila», configuração rígida e estática, é pouco a pouco substituído pelo «agregado», que leva, por sua vez, aos «pequenos grupos», em que já se encontra a mobilidade das transformações operatórias.

Também o egocentrismo descrito por Piaget se encontra nos dados actuais. Verifica-se que, de início, a criança estrutura o conhecimento do meio social a partir de um ponto de vista centrado sobre si mesma: na «fila», todos os bonecos são colocados de frente para o sujeito, sugerindo que a criança não relaciona cada boneco com os outros mas consigo mesma, numa clara manifestação da «centração da actividade no ego», como afirma Piaget. No «agregado», essa rigidez de posição, embora se possa alterar e indicar um início de descentração, persiste enquanto aspecto de conjunto.

Noutro nível de análise, os dados actuais podem ser discutidos nos termos do processo de abstracção reflexiva empregados por Piaget (1977). Aqui, como nos trabalhos sobre o conhecimento do mundo físico, verifica-se a construção de categorias conceptuais cada vez mais elevadas e estáveis. A partir da prática social, vai a criança reconstruir a sua experiência através da actividade representativa, pela qual reorganiza conceptualmente o real, de início «aplicando» as suas operações aos objectos, e, mais tarde, «atribuindo-lhes» operações que os transformam em função das estruturas próprias já construídas.

É o que se observa nos dados actuais. Ao dispor os bonecos em «fila» ou «agregado», o sujeito está aplicando a esses objectos certa ordem, sem lhes impor nenhuma operação. Mas, ao formar os «pequenos grupos», é atribuída certa composição operatória aos bonecos, que passam a interagir, mantendo entre si relações sociais.

A noção de relação social aqui estudada tem um carácter tardio, e a sua correlação com o conhecimento do mundo físico deverá ser objecto de pesquisas futuras.

A verbalização na relação social

Toda a interacção social implica, de um modo ou de outro, comunicação entre os elementos. Essa comunicação, embora não seja necessariamente verbal, põe em jogo certas regras sobre qual membro do grupo codifica determinada mensagem e quem a descodifica. Portanto, o conteúdo das mensagens comunicadas num grupo deverá alterar-se conforme a relação mantida entre os comunicadores. Além disso, o conhecimento sobre «quem envia qual mensagem para quem» supõe uma compreensão, ainda que parcial, dos papéis sociais desempenhados por diferentes pessoas, e essa compreensão deve aumentar à medida que se estrutura

a experiência social, ao longo do desenvolvimento psicológico individual.

Este trabalho, voltado para o estudo da evolução da noção de relação social, permitiu também alguma exploração daquele processo psicogenético, através dos diálogos inventados pelos sujeitos e atribuídos aos bonecos nas sete situações propostas na segunda tarefa, já referidas. Uma breve análise do discurso utilizado pelas crianças confirma as proposições acima, apresentando dados de grande interesse para a psicologia social, coerentes com as ideias que norteiam este trabalho.

A observação do comportamento infantil, ao inventar os diálogos, revela que aos 6-7 anos a criança tem dificuldade para realizar essa tarefa, sendo frequentes os casos em que a resposta à solicitação é «não sei». Além disso, quando um tema é utilizado numa situação, há uma tendência para assimilá-lo a muitas outras. Assim, para Rogério (6;4) irmãs arrumam cozinha, portanto conversam sobre isso. Mas também amigas conversam sobre cozinha, assim como o marido e a mulher, e papá e mamã. Nas situações que envolvem apenas o sexo masculino, o assunto é «trabalhar em ônibus», o que indica a diferenciação nítida dos papéis sociais, segundo o sexo, já aos 6 anos. Para José Renato (7;1) todos conversam sobre «passear».

A partir dos 8 anos, os diálogos são inventados com mais facilidade, ocorrendo uma acomodação dos temas utilizados aos papéis atribuídos aos bonecos, nas diversas situações propostas.

De modo geral, nota-se nos diálogos grande adequação às situações imaginadas, reflectindo duas tendências principais: se, de um lado, há um desejo de harmonia e relações amigáveis entre as pessoas, de outro lado observa-se também preocupação e certa angústia. Nestes casos, os temas mais perturbadores que as crianças utilizam, nas diferentes faixas etárias, referem-se a doenças e problemas financeiros na família. Este

objecto de preocupação das crianças, nada surpreendente numa sociedade com elevado nível de inflação, revelou-se bastante comum, principalmente por volta dos 10 anos. Nesta idade, na situação marido-mulher, Vanda (10;11) afirmou que o casal resolvera tirar os filhos da escola particular «porque está muito caro». Este exemplo ilustra bem o fenómeno da interacção pais-filhos no grupo familiar, revelando o reflexo das dificuldades enfrentadas pelos primeiros sobre as crianças. Além disso, para os sujeitos observados depreende-se dos diálogos que os filhos constituem a principal preocupação dos pais, o que é mais uma manifestação do egocentrismo estudado por Piaget. Esta preocupação refere-se principalmente à saúde e ao desempenho escolar das crianças⁽³⁾.

Por outro lado, é provável que aquele tipo de preocupação, observado a partir dos 10 anos de idade, se alie a uma progressiva compreensão dos papéis sociais e à crescente complexidade do pensamento infantil (que serão analisadas a seguir) para tornar a criança apta a penetrar cada vez mais no mundo dos adultos. Como foi notado por Piaget, tal penetração efectiva-se durante a adolescência.

Nos diálogos inventados pelos sujeitos deste trabalho, a preocupação com o futuro («o que vão ser quando ficarem grandes») surgiu por volta dos 9 anos.

As atribuições referentes aos vários papéis sociais, implícitas nos diálogos, são analisadas a seguir.

Irmãs compram roupas juntas, amigas passeiam. Em ambos os casos, as conversas frequentemente referem-se a escola e lazer. Irmãos e amigos conversam principalmente

(3) É clara a utilidade do procedimento empregado para o estudo da dinâmica da interacção familiar, pelas possibilidades que oferece à investigação das relações sociais, bem como dos conflitos e outros fenómenos frequentes nas relações interpessoais que se estabelecem na família e mesmo noutros grupos.

sobre brincadeiras e escola, e às vezes sobre a família.

Embora, aos 10 anos, marido e mulher tenham pouquíssimas alternativas de conversa, pois os assuntos versam apenas sobre os filhos ou o trabalho do marido (nunca da mulher), aos 12 anos essas possibilidades ampliam-se e surgem as trocas de ideias sobre cinema e outras diversões.

Ainda em relação ao casal, desde as primeiras faixas etárias observadas há uma diferenciação muito clara dos papéis sociais e suas atribuições conforme o sexo. Assim, embora o casal converse sobre o custo de vida, a necessidade de fazer economias, etc., o marido provê as despesas. Para Ana Lúcia (8;8), no diálogo entre papá e mamã, ela está a pedir-lhe dinheiro para ir ao supermercado. O marido trabalha fora, a mulher trabalha em casa. Na situação marido-mulher, diz Reinaldo (7;2) que eles conversam, «que ele vai trabalhar (fora) e ela vai para casa». Por outro lado, o marido deve chegar a casa no horário previsto e a mulher deve aprontar a refeição a tempo. Ele tem o direito de exigir pontualidade.

Em relação aos diálogos entre desconhecidos (que, pela instrução, «estão conversando pela primeira vez») nota-se que, na sua maioria, confirmam Berger e Luckmann, os quais afirmam que, ao conversar pela primeira vez, as pessoas se interessam pelos nomes respectivos. Entretanto, aqui surge um resultado interessante. Para os sujeitos de 10 anos de idade, os diálogos entre desconhecidos podem incluir vários assuntos, além do nome: família, lazer e escola. Isso é possível porque, nesta idade, a criança vai além da primeira conversa, e passa a supor outras possibilidades. Assim, para Raul (10;9), os desconhecidos foram apresentados e descobriram que eram primos. Para Rita (10;7), uma desconhecida afirma que a outra é boa. Diante da objecção da pesquisadora, de que, sendo desconhecidas, as duas não se conhecem, Rita responde: «mas agora vão-se conhecer». Nota-se aqui certa antecipação

do futuro, imprópria porque assimilada ao presente, mas possivelmente responsável pela menor distância encontrada nesta situação, antes referida.

Um tema pouco comum na verbalização dos sujeitos diante das situações propostas refere-se a sexo e namoro. Entre 6 e 11 anos este tema raramente apareceu nos diálogos. Começa a surgir aos 12 anos, entre amigos, amigas e irmãos, bem como entre adultos casados. Este facto confirma certas proposições de Freud (1934, p. 110) sobre o período de latência na evolução da sexualidade infantil.

É importante destacar ainda a crescente complexidade das situações descritas pelos diálogos. Assim, dos 6 aos 8-9 anos, a conversa entre dois irmãos consistia em um perguntar ao outro se queria ir brincar. Após os 10 anos, porém, um pergunta ao outro «quem vai pedir ao pai se deixa jogar futebol no campo aí perto», ou se a mãe deixa ir ao zoológico. Além da ampliação da experiência e da sua diferenciação, que permite pensar em brinquedos específicos como jogar futebol ou ir ao zoológico em vez de brincar simplesmente, nota-se aí maior antecipação e coordenação de perspectivas, que garante a previsão simultânea de vários aspectos da situação social: o lugar onde se vai brincar, a autorização dos pais, quem vai pedi-la. Esta maior antecipação da conduta está, sem dúvida, relacionada com a preocupação relativa ao futuro, observada por volta dos 9 anos, como foi notado.

Por outro lado, estas observações sobre a verbalização na relação social permitem constatar a existência de um processo evolutivo que se revela por uma progressiva acomodação das mensagens comunicadas aos papéis sociais atribuídos aos bonecos, nas situações propostas. Esta adaptação gradual da linguagem como instrumento de comunicação social parece acompanhar o desenvolvimento do comportamento cooperativo, que, segundo Nielsen (1951), passa

por uma fase decisiva por volta dos 7-8 anos. Porém, os dados actuais mostram que, após essa idade, a criança tem ainda um longo caminho a percorrer, na construção da relação social ao nível da actividade representativa. Os progressos observados após os 10 anos de idade confirmam esta suposição, tanto sob o ponto de vista da comunicação como da construção dos «pequenos grupos», reveladores de uma noção operatória, reversível, da relação social.

Finalmente, os dados apresentados, no seu conjunto, levantam certas indagações que constituem, por sua vez, novas pistas para pesquisa. Quais os factores da vida social da criança responsáveis pela dinâmica do processo descrito? Os dados actuais, baseados na observação de sujeitos provenientes de classe média, irão confirmar-se pelo desempenho de outras crianças, de camadas sociais mais elevadas ou mais baixas? Qual a influência da escolarização precoce sobre o desenvolvimento da noção aqui estudada? Os padrões aqui relatados seriam observados se se propusesse aos sujeitos tarefa semelhante, com o emprego de bastões em lugar dos bonecos? A resposta a tais indagações viria certamente contribuir para a melhor compreensão não só do fenómeno descrito, como também do processo mais amplo da socialização.

CONCLUSÃO

O processo psicológico de construção estrutural que se opera no indivíduo levando-o a um comportamento coerente e equilibrado, e que Piaget estudou no domínio do comportamento inteligente, verifica-se também no desenvolvimento do comportamento social. Os dados que este trabalho apresenta permitiram constatar a existência de um processo gradual de organização da experiência social, que, ao nível da actividade representativa, leva à construção da noção de relação social.

Ao organizar a própria experiência com objectos dotados de significado social, a criança constrói noções que se relativizam progressivamente, superando o egocentrismo das fases iniciais para atingir a compreensão da reciprocidade social, presente na interacção face a face. Por este processo se constrói uma noção operatória que tem como componentes o agrupamento ou ordenação no espaço e a posterior atribuição de um papel ou função social ao objecto, que passa a ser conhecido na sua relação com os demais. Portanto, a estruturação dos factores cognitivos ligados ao comportamento social, necessariamente presentes no processo de socialização, supõe uma longa e difícil elaboração no plano da actividade representativa, através da reconstrução da experiência.

Como foi sugerido anteriormente, verifica-se que o desenvolvimento do conhecimento social se faz no sentido de uma penetração do indivíduo no conjunto dos sistemas de significado que caracterizam a cultura. Tal penetração se realiza através de uma troca permanente entre o indivíduo, com seus recursos pessoais, e o meio social que o cerca, dotado de grupos, instituições, padrões de conduta e outros mecanismos pelos quais se exerce a influência social.

O presente trabalho, revelando a existência do processo construtivo de uma noção básica do conhecimento social, presta uma contribuição à psicologia social ao sugerir um rumo novo para o estudo da socialização, pelas indagações que levanta. Além disso, apresenta um procedimento que, ao apreender a gênese do conhecimento social, se revela capaz de fornecer dados de interesse para a epistemologia.

RESUMO

Cento e quarenta crianças de seis a doze anos de idade foram individualmente observadas através da técnica de colocação de

bonecos. Numa primeira tarefa foram solicitadas a arrumar um conjunto de 15 bonecos sobre uma folha de papel, explicando quem eram e o que faziam os bonecos. Noutra tarefa deviam escolher dois bonecos quaisquer e colocá-los sobre o papel supondo que conversavam e que mantinham entre si diferentes tipos de relação social. Mediu-se a distância que separava os bonecos em cada uma destas relações propostas, e o resultado foi submetido ao Teste de Friedman, não revelando diferenças significativas entre as situações de relação social propostas, nem entre as faixas etárias observadas.

A colocação de bonecos na primeira tarefa revelou padrões de organização que variam conforme o grau de desenvolvimento psicológico da criança. A partir de uma organização incipiente aos 6 anos, evolui para a formação de uma «fila» aos 7-8, seguida do «agregado» que predomina aos 9, e dá lugar à formação de pequenos grupos em interacção face a face após os 10 anos. Estes dados foram discutidos nos termos da teoria de Piaget.

Os dados verbais fornecidos pelos diálogos atribuídos aos bonecos na segunda tarefa revelaram um aumento progressivo da complexidade e da diferenciação do conhecimento social com a idade.

ABSTRACT

One hundred forty six-to-twelve-year old children were individually asked to freely place a set of 15 dolls on a paper sheet, and afterwards to place them two at a time in interaction, as well as to invent a supposed talk they would have at different social relationships. The distances at which dolls were placed were measured, and analysed by the Friedman Test, yielding no generalized significant differences, either between supposed social relationships or between subject's ages.

Doll placement in the first task showed several patterns of organization. Beginning with incipient organization at 6 years, doll placement gets increased order at 7-8 in a «queue» line which gives place to an «aggregate» at 9, and finally to «small groups» in a face-to-face interaction. These data were interpreted as showing an increasing structuration of social knowledge, as proposed by Piaget's theory.

Analysis of verbal content of the doll's conversations invented by subjects showed an increasing complexity and differentiation with increased age.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASCH, S. E. (1960) — *Psicologia social*, 2 vols., Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- BERGAMIN, M. D. B. (1982) — «A psicogénese da noção de relação social», Tese de Livre Docência, Piracicaba, ESALQ/USP.
- BERGAMIN, M. D. B. (1984) — «Estruturalismo genético e socialização», *Psicologia e Sociedade*, n.º 7.
- BERGER, P. e T. LUCKMANN (1978) — *A construção social da realidade*, Editora Vozes, Petrópolis.
- CAMPOS, H. (1979) — *Estatística experimental não-paramétrica*, ESALQ, Piracicaba.
- DELA COLETA, J. A. (1984) — «Atribuição de causalidade». Comunicação apresentada durante a XIV Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, SP.
- EDWARDS, J. A. (1973) — «A cross-cultural study of social orientation and distance schemata by the method of doll-placement», *Journal of Social Psychology*, 89, 165-176.
- FICHTER, J. H. (1967) — *Sociologia*, Editora Herder, São Paulo.
- FREUD, S. (1934) — *Una teoria sexual y otros ensayos*, Biblioteca Nueva, Madrid.
- HALL, E. T. (1959) — *The silent language*, Anchor Books, Nova Iorque.
- HALL, E. T. (1971) — *La dimension cachée*, Editions du Seuil, Paris.
- KUETHE, J. L. (1962) — «Social schemas», *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 64(1), 31-38.
- KUETHE, J. L. (1963) — «Pervasive influence of social schemas», *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 65(3), 248-254.

LITTLE, K. B. (1968) — «Cultural variations in social schemata», *Journal of Psychology*, 10(1), 1-7.

NIELSEN, R. F. (1951) — *Le développement de la sociabilité chez l'enfant. Étude expérimentale*, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel.

PIAGET, J. (1970 a) — *O estruturalismo*, Difusão Européia do Livro, São Paulo.

PIAGET, J. (1970 b) — *Epistémologie des sciences de l'homme*, Gallimard, Paris.

PIAGET, J. (1973) — *Estudos sociológicos*, Companhia Editora Forense, Rio de Janeiro.

PIAGET, J. (1977) — *Recherches sur l'abstraction réfléchissante*, Presses Universitaires de France, Paris.

RODRIGUES, A. (1972) — *Psicologia social*, Editora Vozes, Petrópolis.

A
S
S
I
N
E

D
I
V
U
L
G
U
E

ANÁLISE PSICOLÓGICA

Distribuição:



assírio e alvim

Rua Passos Manuel, 67-B

1100 LISBOA

*os Todos
Meses*



o professor

UMA REVISTA COM 12 ANOS
AO SERVIÇO DO
ENSINO, EDUCAÇÃO E CULTURA

de professor para professor